

A DIMENSÃO ESPACIAL DAS REDES MIGRATÓRIAS

SPATIAL REACH OF MIGRANTS NETWORKS

Marden Barbosa de Campos

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Resumo: Os estudiosos da migração têm destacado o papel preponderante que as redes sociais exercem sobre os movimentos migratórios. O fato dos indivíduos residirem em localidades específicas, tanto antes como depois da migração, configura redes de lugares, que formam espaços de migração. O objetivo deste trabalho é discutir o processo de espacialização das redes migratórias. Por basearem-se em contatos pessoais, as redes configuram-se por proximidade. Isso decorre da mecânica dos processos de difusão, que fazem com que a circulação de informações e o recrutamento de migrantes moldem os contornos da rede. Pode-se afirmar que as redes migratórias apresentam um caráter multidimensional ao serem compostas, em uma posição, por relações entre pessoas, famílias ou organizações enquanto, em outra dimensão, localizam-se redes de domicílios, cidades e países. Essas redes articulam-se em escalas diferenciadas atuando como agentes da produção espacial.

Palavras-chave: Migração. Redes sociais. Cluster.

Abstract: Migration scholars have highlighted the crucial role that social networks play in migration flows. The fact that individuals live in specific locations, both before and after the migration, makes their movements set up a network of places, called migration spaces. The objective of this paper is to discuss the spatialization process of migration networks. By relying on personal contacts, networks are configured for a kind of proximity. The flow of information and the recruitment of individuals belonging to the migratory network shape the borders of these networks, due to the internal nature of the diffusion processes. Thus, the multidimensional nature of migration networks includes socio-cultural and spatial processes. All these aspects are articulated in different levels, acting as agents of a continuous spatial creation.

Keywords: Migration. Social networks. Cluster.

INTRODUÇÃO: REDES DE PESSOAS E REDES DE LUGARES

Os estudiosos de migração têm destacado, já há algum tempo, o papel preponderante que as redes sociais exercem nos movimentos migratórios. Elas atuam como facilitadoras dos deslocamentos da população quando reduzem o grau de incerteza com que os migrantes se deparam. Isso faz com que as redes de contatos dos indivíduos envolvidos com a migração provoquem o estabelecimento de “redes migratórias”.

O fato dos indivíduos residirem em determinadas localidades, tanto antes como depois da migração, configura “espaços de vida” de migrantes (COURGEAU, 1988). Afirma-se, então, que as redes migratórias possuem uma dimensão espacial, cuja “marca” no território sugere a existência de “regiões de migração” ou “redes de lugares”.

O objetivo deste trabalho é discutir, conceitualmente, o processo de espacialização das redes migratórias. Serão apresentadas as principais características das redes migratórias e os mecanismos responsáveis por sua espacialização. Além da discussão conceitual, serão apresentados exercícios

empíricos que demonstram a aplicabilidade dos conceitos discutidos para o estudo das migrações.

A relação entre redes sociais e migração tem adquirido, segundo alguns autores, caráter metafórico (FAZITO, 2002; SOARES, 2002). Isso ocorre tanto pela ausência de tentativas de mensuração e constatação empírica de sua existência quanto pela escassez de estudos que discutam, de maneira aprofundada, os mecanismos de funcionamento dessas redes. Apesar da facilidade de compreensão dos seus mecanismos de funcionamento, as redes sociais são um fenômeno de difícil mensuração. O presente trabalho busca contribuir para essa discussão, descrevendo o processo pelo qual as redes migratórias adquirem uma dimensão espacial, ao mesmo tempo em que mostra que a constatação de existência de estruturas reticulares nos processos de migração acaba favorecendo construções metafóricas sobre o seu funcionamento.

As principais problemáticas enfrentadas neste exercício, que se apresentam como seus objetivos específicos, estão descritas a seguir:

- tentativa de ultrapassar o campo de simples conjectura de existência da rede social e apresentar indícios de sua existência;
- elaboração de conceitos precisos para a caracterização de redes migratórias;
- encadeamento lógico dos mecanismos que fazem com que as redes sociais de migrantes adquiram um caráter espacial, formando redes de localidades;
- exposição dos mecanismos por meio dos quais as redes migratórias favorecem a concentração espacial das regiões de origem e destino dos migrantes, formando agrupamentos espaciais de migração.

O artigo inicia com uma apresentação do conceito de “capital social”, atributo básico da formação das redes sociais. Passa, então, para a descrição do processo de difusão de informação e contágio comportamental, tratando posteriormente da noção de “proximidade” e da dimensão espacial dos processos de difusão. Em seguida, descreve as redes migratórias e as redes de lugares para, em caráter conclusivo, mostrar exemplos empíricos das ideias discutidas. Na última seção, apresenta as considerações finais, propondo um arcabouço conceitual para estudo do funcionamento das redes migratórias.

O conceito de capital social e a estrutura coletiva reticular

As ideias que giram em torno do termo capital social remontam, segundo Portes (1998), aos primeiros trabalhos da Sociologia, quando já se discutiam as vantagens de se pertencer a determinado grupo social. Alguns *insights* dessa ideia foram, conforme o autor, recapturados pelo termo “capital social”. A popularidade recente do conceito de capital social é garantida pelo fato de que ele chama a atenção para um fenômeno importante e “real”, apesar dos processos a que se refere não serem uma novidade da formação social atual.

As noções de capital social mais utilizadas nos estudos de migração aproximam-se do conceito proposto por Pierre Bourdieu. Esse autor refere-se, ao definir o termo, aos recursos disponíveis para os indivíduos decorrentes da posse

de uma relação durável, institucionalizada e reconhecida com outros indivíduos (BOURDIEU, 1986). Segundo Coleman (1988), outro autor bastante citado nos estudos do tema, o capital social funcionaria como um importante facilitador de algumas ações desempenhadas pelos atores sociais.

O entendimento das condicionantes atribuídas à posse de capital social é extremamente útil para o estudo das migrações, dado que o acesso à informação, à minimização de riscos e aos processos de recrutamento de trabalhadores, elementos-chave da migração, são todas estratégias e agenciamentos condicionados pelo capital social dos migrantes.

A formação de “redes sociais” seria, então, determinada pelo uso de determinada “quantidade” de capital social, por meio da rede de contatos que os indivíduos possuem. As relações de cooperação, reciprocidade e identificação mútua entre seus integrantes favorecem as transferências de capital social no interior da rede (MARANDOLA JR. E DAL GALLO, 2010).

É possível perceber, desse modo, a importância da proximidade entre os membros da rede para que haja transmissão ou transferência de capital social entre eles. O termo “proximidade”, aqui, é entendido como a existência de determinados tipos de laços entre as pessoas, que serão tanto maiores quanto mais intensas forem suas relações. Segundo Granovetter (1973), que discute os papéis de laços de diferentes intensidades na organização da sociedade, a força (intensidade) de um laço social é definida pela combinação da quantidade de tempo que as pessoas compartilham com a intensidade emocional, o nível de intimidade, o grau de confiança e a reciprocidade das relações. Assim, quanto mais forte for o laço social tanto maior a proximidade entre os atores de uma rede. Como os indivíduos possuem relações de diferente intensidade, pode-se afirmar que as pessoas habitam um “espaço social” heterogêneo, ocupando posições com distâncias variadas em relação aos outros indivíduos.

Nesse sentido, o grau de coesão das redes sociais como um todo varia de acordo com a força dos laços entre os indivíduos que as compõem. Internamente, elas possuem segmentos mais sólidos, cujas ligações são estáveis, assim como segmentos compostos por ligações mais frágeis. Nesse sentido, pode-se dizer que as redes são compostas por outras redes menores, interiores, em um esquema fractal. Sua configuração é variável, sofrendo rupturas e acoplamentos ao longo do tempo, em um processo dinâmico de (de)formação.

É importante destacar o papel das relações familiares na configuração das redes sociais, dada a solidez e durabilidade dos laços estabelecidos entre parentes. Os laços familiares destacam-se por serem canais de vultosas transferências de capital em suas diferentes formas (social, cultural, econômico) e intensas relações de reciprocidade, suporte e altruísmo. Constituem, assim, segmentos “sólidos” das redes sociais, pilares para sua manutenção ao longo do tempo.

Além dos laços familiares, os indivíduos também relacionam-se com outros que podem ser considerados como “conhecidos”, como vizinhos, colegas de trabalho e amigos, em laços que, embora sejam mais fracos que os laços familiares, às vezes duram por longo tempo. Em um nível ainda mais “distante”, há laços sociais mantidos com pessoas com as quais se tem pouco envolvimento, como prestadores de serviço, empregados e conterrâneos. Pode-se expandir o raciocínio até chegar a relações cuja força seja tão reduzida que há um

afrouxamento da rede social a ponto de que não seja “transmitido” nenhuma forma de capital social e chegue-se, conceitualmente, à fronteira da rede social.

Cabe destacar que a intensidade dos laços sociais é um tema correntemente debatido na Sociologia, pelo menos desde os trabalhos seminais de Mark Granovetter no início da década de 1970. Embora esse autor tenha demonstrado a importância dos laços fracos no processo de difusão de informações, não pode ser negada a preponderância dos laços fortes na configuração dos arranjos sociais, como mostram Li, Ensel e Vaughn (1981).

Em síntese, podemos tentar delimitar os termos “rede social”, “rede pessoal” e “rede migratória”. Segundo Soares (2002), uma rede social consiste no conjunto de pessoas, organizações ou instituições sociais que estão conectadas por algum tipo de relação. A rede pessoal representa um tipo de rede social que se funda em relações sociais de amizade, parentesco e laços familiares. Já a rede migratória é um tipo específico de rede social que conteria apenas as relações de indivíduos, famílias e organizações, envolvidas direta ou indiretamente com o processo migratório. Ou seja, seriam redes sociais adaptadas à migração.

O uso do termo rede advém da semelhança, em termos morfológicos, de determinadas formações sociais com os objetos organizados de forma reticular. Esses objetos caracterizam-se por um conjunto de nós (que podem ser representados por pessoas, objetos ou eventos) ligados por múltiplos laços (relações). O conjunto de pontos e pontes que caracterizam todos os tipos de rede são representados, nas análises sociais, por conjuntos de atores e relações. Cada conjunto de dois pontos ligados por um laço representam uma díade da rede, que se ligam a outras díades formando os traçados das redes. Essas redes podem ser representadas, esquematicamente, por meio de modelos de grafos, como propõe Diestel (2005), conforme a Figura 1.

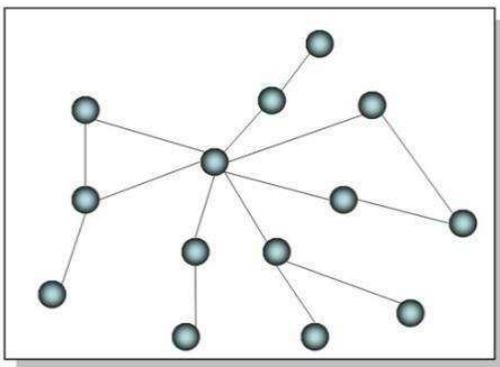


Figura 1. Representação esquemática de uma organização reticular.
Fonte: Elaboração própria.

Os pontos representam os nós ou vértices da rede. As linhas, seus laços ou arcos. Nas redes sociais, por exemplo, os nós seriam os atores sociais e os laços, as relações estabelecidas entre eles. Nas redes migratórias, os nós poderiam representar lugares, domicílios, famílias ou pessoas e os laços, as migrações ou ações facilitadoras do ato migratório.

As próximas seções irão tratar dos mecanismos pelos quais as redes sociais de migrantes adquirem uma dimensão espacial, configurando redes de lugares.

Difusão da informação através de redes

Segundo Rogers (1983), referência nos estudos de difusão de informações, a difusão é o processo pelo qual determinado comportamento, ideia ou informação (inovação) é comunicado através de canais. O autor afirma que a informação é um importante mecanismo de redução das incertezas geradas por determinados tipos de ação, o que lhe confere extremo valor em qualquer arranjo social e torna central o estudo de seu processo de difusão.

Nesse sentido, as redes sociais podem ser vistas como canais de comunicação que estruturam as vias por onde as informações circulam na sociedade. “Comunicação” deve ser entendida, nesse contexto, como o compartilhamento de informação por dois ou mais atores da rede. Os canais de comunicação dentro da rede, embora possuam um potencial de disseminação de informação menor do que os meios de comunicação de massa, são mais persuasivos e convincentes. Isso ocorre porque as redes geralmente são compostas por indivíduos com elevada semelhança (homofilia).

As redes seriam mecanismos estruturantes e estruturados pelas relações entre seus atores, desempenhando, simultaneamente, um papel de forma e de função social.

Para Rogers (1983), cinco aspectos facilitam o processo de difusão: vantagem relativa, compatibilidade, complexidade, triabilidade (testabilidade) e observabilidade. Assim, uma inovação necessita ser vista como vantajosa; precisa ser compatível com o contexto em que as pessoas vivem; precisa ser facilmente entendida e implementada; possuir a capacidade de ser testada e, acima de tudo, ser observada pelos indivíduos que a circundam.

A proximidade como canal de difusão

A proximidade entre os indivíduos afeta a frequência de contatos e o nível de interação entre eles. Isso melhora a dispersão das informações e das ideias e facilita a imitação. A proximidade é, portanto, um aspecto-chave do processo de difusão.

A essência de um laço estrutural em rede é dada pela “profundidade” da relação social, que qualifica a condição de proximidade entre seus atores. A noção de proximidade estaria no cerne do conceito de rede social: é graças à proximidade que são estabelecidas relações de confiança e que são moldados os canais de difusão que configuram as redes. Por sua vez, a distribuição dos pontos e a intensidade dos laços da rede também é estruturada sobre fatores de distanciamento. Por isso, pertencer ou não a determinada rede significa usufruir das (des)vantagens obtidas pela proximidade com seus atores.

O termo “proximidade” pode ser interpretado sob diversos ângulos, tanto em termos sociais e culturais como em aspectos espaço-temporais. Desse modo, favorecem a proximidade de fatores, como compartilhar uma crença religiosa, possuir a mesma língua ou ter hábitos de vida similares. Além disso, assim como os

indivíduos nascidos em uma mesma época - os contemporâneos –, aqueles que vivem a uma certa distância geográfica - os conterrâneos – também compartilham de experiências comuns por estarem espacialmente próximos. Quando todos esses tipos de proximidade ocorrem simultaneamente, esse termo adquire ainda mais relevância (MANNHEIM, 1993).

Proximidade espacial

Busca-se enfatizar, no presente trabalho, a “marca espacial” das redes migratórias, ou seja, sua dimensão territorial. Assim, será destacado o papel da proximidade geográfica na estruturação dos agrupamentos de migração.

Os termos proximidade física, geográfica ou espacial serão tratados, alternadamente, como sinônimos de um tipo de vizinhança sem, no entanto, reduzir esses conceitos à simples proximidade “no terreno físico”. Não se propõe, no presente texto, rediscutir conceitualmente esses termos, já bastante debatidos¹. Precisa-se enfatizar que o espaço não será visto, apenas, como palco das relações entre os migrantes, mas, ao mesmo tempo, como um produtor dessas relações, de modo tautócrono.

A questão da proximidade é extremamente cara à Geografia. Tobler destaca a chamada “Primeira Lei da Geografia” quando afirma que “everything is related to everything else, but near things are more related than distant things.” (TOBLER, 1970, pág. 236). Desse modo, destacam-se os efeitos de vizinhança que operam através do espaço, assim como suas condicionantes. As interações sociais que envolvem comunicação, persuasão e imitação, conforme Knoke (1982), tendem a seguir um gradiente espacial, atestando a pertinência da discussão corrente da Geografia para o entendimento do comportamento social.

Apesar das intensas transformações técnicas pelas quais nossa sociedade vem passando, quando as distâncias entre localidades são “encurtadas” pelo avanço dos meios de transporte e comunicação, a proximidade continua a exercer um papel preponderante nas relações sociais. Os contatos físicos entre as pessoas e as relações face-a-face continuam a representar o grau mais próximo de qualquer contato social. Apesar das modalidades de comunicação “à distância” possibilitarem manter ou perpetuar relações, elas não têm a mesma capacidade de criação e estabelecimento de confiança quanto o contato direto e permanente entre pessoas. Segundo Morgan (2004), que discorda daqueles que pregam “o fim da geografia”, algo é perdido quando nos comunicamos à distância. No mesmo sentido, psicólogos sociais como Grande-Garcia (2009) afirmam que as expressões dos rostos humanos carregam a exteriorização dos estados emocionais, sendo essenciais para a comunicação social e estabelecimento de relações de confiança.

Contudo, é preciso aceitar que as formações sociais reticulares, diretamente afetadas pelo desenvolvimento tecnológico recente, vêm sendo reconfiguradas por outros tipos de “proximidade” estabelecidos entre as pessoas, inexistentes em

¹ Sugere-se, para uma ampla revisão dos principais conceitos tratados pela Geografia, consultar Castro, Gomes e Correa (2000).

décadas anteriores, embora estas não substituam as “antigas” formas de relacionamento interpessoal.

Difusão como processo espacial

O processo de difusão tem escopo fortemente geográfico e, por isso, parte importante dos trabalhos pioneiros das teorias da difusão originaram-se na Geografia.

A ideia da difusão como um processo espacial sofre influência considerável dos trabalhos de Hägerstrand (1967) e de Hudson (1972). De modo geral, postula-se que os padrões de comunicação e interação entre emissores e receptores propagam-se no espaço, normalmente a partir de um ponto de origem. Esse processo adquire “formatos” diferentes, como, por exemplo, por meio da propagação de ondas concêntricas de expansão ou percorrendo caminhos encadeados hierarquicamente.

Uma questão que se tem colocado é se o espaço e o tempo seriam agentes endógenos que condicionariam o processo de difusão, ou se seriam apenas substratos por meio dos quais ele ocorre (aspectos exógenos). Para Cohen (1972), por exemplo, que trata dos processos de difusão em sistemas urbanos, o espaço e o tempo são elementos externos ao processo de difusão, enquanto os fatores sociais, econômicos, culturais, psicológicos ou comportamentais são suas verdadeiras causas.

Mesmo aceitando-se uma “versão *neokantiana*” de um espaço e um tempo como bases materiais - estruturas apriorísticas - dos processos sociais, a vizinhança continua desempenhando um papel central no contágio comportamental. Contudo, com uma visão mais profunda dessa questão, alcançada pela chamada “geografia radical”, propõe-se uma superação da noção de espaço enquanto palco da ação, enxergando-o como mais uma dimensão do processo social e também como um ator nesse processo. As relações sociais seriam vistas como produtoras de espaço, sendo, ao mesmo tempo, modificadas por sua condição espacial (SOJA, 1993). Nesse caso, o espaço é modificado e construído por atores em uma relação dialética que o configura como forma e função social simultaneamente.

Em síntese, pode-se afirmar que a informação circula por proximidade e por vizinhança sobre os caminhos estabelecidos na rede. Neles, o contágio é uma questão de topologia, de caminhos. Não há espaço homogêneo em que a oportunidade de migrar esteja distribuída livremente entre os indivíduos. O migrante deve utilizar a rede migratória tal como ela se encontra, ou então será obrigado a modificá-la. A rede não estaria no espaço, ela seria o próprio espaço.

As redes migratórias

As redes migratórias são caracterizadas como um conjunto de atores ligados entre si pela e para a migração. Migrar é entendido como um processo espaço-temporal, que envolve a mudança de residência sobre determinada distância (entre unidades administrativas distintas, por exemplo) e certo período de permanência (ocorre por um período de tempo relativamente duradouro). Os laços das redes migratórias são representados pelos próprios fluxos populacionais, ou seja, pelas migrações. Também podem ser compostos de relações que facilitem a migração,

estando a ela objetivamente ligadas. Os atores das redes migratórias podem ser os migrantes propriamente ditos ou as pessoas envolvidas com as migrações, como familiares, ex-migrantes, agenciadores, coioetes, padres, agentes de turismo e policiais de fronteira, por exemplo. As redes migratórias também podem ser compostas por domicílios, empresas, aeroportos, cidades e países, que estariam conectados pelas migrações de pessoas.

Conforme destacado, os “motores” das redes migratórias são o processo de difusão de informação e de recrutamento de migrantes. O processo de difusão de informação propicia a redução dos graus de incerteza. Rogers (1983) chega a afirmar que a informação nada mais é do que algo que reduz a incerteza. Já Everett Lee, ao desenvolver sua Teoria sobre Migração, destaca a importância da informação sobre os locais de destino na redução dos “obstáculos” da migração (LEE, 1966).

Nesse sentido, a informação sobre as condições de trabalho, remuneração, estilo de vida, moradia, clima e cultura, dentre outros aspectos, circulam pela rede social do potencial migrante, afetando sua propensão para migrar. As redes sociais provêm informações que reduzem o risco da migração e que atraem os migrantes, sendo uma forma de capital “intangível” (capital social) que os indivíduos possuem (TAYLOR, 1986). Conforme destacado, o fato dos indivíduos estarem próximos favorece enormemente as condições de difusão da informação.

As características apontadas por Rogers (1983) como fundamentais para a adoção da inovação ajudam a compreender a disseminação do comportamento migratório:

- **vantagem relativa:** a partir do contato com outros migrantes, os indivíduos podem perceber que a migração apresenta vantagens (econômicas, por exemplo);
- **compatibilidade:** ao observar a opinião dos outros indivíduos sobre os migrantes, percebem o quanto aceita é a migração no contexto em que vivem;
- **complexidade:** aprendem como se dá o processo migratório, quais seus trâmites e estratégias;
- **triabilidade:** podem passar um período no exterior, auxiliado pelos migrantes, experimentando viver nos locais de destino;
- **observabilidade:** veem os benefícios auferidos pelas famílias dos migrantes que permanecem na origem, ou mesmo a alteração (ou não) no nível de vida e do bem-estar dos próprios migrantes.

Não se quer dizer que a rede social é o meio pelo qual ocorre a totalidade dos movimentos migratórios. Embora ela tenha importância fundamental no processo, há migrações que ocorrem sem nenhum envolvimento com outros indivíduos. Cabe ressaltar, contudo, que os aspectos acima enumerados podem ser observados, inclusive, entre indivíduos que não pertencem diretamente à rede social do migrante, mas que conseguem tomar conhecimento das consequências do processo migratório. Haveria, nesse caso, um “transbordamento” da rede migratória. Mesmo assim, a proximidade continua exercendo um efeito de “contágio” entre o migrante e os potenciais migrantes, mesmo que estejam localizados “fora” de sua rede social naquele momento.

O segundo aspecto pelo qual o pertencimento à rede migratória pode favorecer a migração é o recrutamento ou agenciamento de migrantes. Esse processo envolve, além da disponibilização de informação sobre uma oportunidade de trabalho, a possibilidade de fornecer alojamento e financiamento para os migrantes. Segundo Sassen (1995), tratando da atuação de membros da rede social dos migrantes:

"(...) members find jobs for others, teach them the necessary skills, and supervise their performance. The power of network chains is such that entry level openings are frequently filled by contacting kin and friends in remote foreign locations rather than by tapping other available local workers." (SASSEN, 1995, apud PORTES, 1995, pág. 13).

Um outro estímulo importante para a migração e que ocorre inteiramente dentro da rede social é a migração relacionada ao acompanhamento de parentes ou para a reunião familiar.

As redes de lugares

O propósito que nos interessa neste trabalho, relativo à dimensão espacial das redes migratórias, alicerça-se no princípio de que, ao conectarem pessoas, as redes conectam também lugares.

Por definição, as migrações possuem espacialidades bem definidas em cada momento do tempo. Desse modo, há sempre e em cada instante um local de origem e um local de destino do migrante. Para investigar redes de lugares, é importante direcionar-se ao estudo das características das localidades de onde partem e para onde vão os migrantes, além das relações que se estabelecem com outras localidades. É importante enfatizar que essas localidades seriam atores do espectro espacial das redes migratórias, enquanto os movimentos das pessoas seriam os fluxos (relações) da rede. Do mesmo modo, poder-se-iam tomar os domicílios dos migrantes como unidades de análise, configuradores das redes. Nesse caso, seus atributos qualificariam os nós das redes enquanto os fluxos migratórios comporiam os laços da rede.

Diferente das outras dimensões das redes migratórias, as redes espaciais são facilmente mensuráveis devido ao fato de que pessoas vivem em lugares fixos por algum período de tempo e esses lugares podem ser identificados. Embora a intangibilidade do capital social dificulte a mensuração de relações sociais de migrantes, esse problema é menor ao tentarmos dimensionar e compreender sua faceta espacial. Segundo Matos (2005), relações sociais articuladas por sistemas de cidades integrados, se não evidenciam com clareza, sugerem fortemente a presença de redes sociais.

O direcionamento do foco do estudo para os lugares de origem e destino das migrações, contudo, não esgota todos os lugares envolvidos na rede de migração. Mesmo que o indivíduo resida em determinado município, ele pode ter ido para outro para tirar seu passaporte, por exemplo, ou para comprar sua passagem. Ele desloca-se por meio de uma rede de transportes, por estradas, rodoviárias e aeroportos. A configuração das redes é dinâmica, alterando-se, ainda, a todo instante: quando se escolhe, por exemplo, percorrer um roteiro alternativo ou quando estradas diferentes precisam ser percorridas a cada vez;

quando um caminho cujo acesso alterou-se e ficou interdito; quando uma fronteira foi fechada ou uma nova rota surgiu. Altera-se, continuamente, a forma da rede migratória.

Entretanto, por definição, os pontos de partida e destino do migrante não se alteram após a migração. Eles são pontos "fixos" no espaço a cada momento no tempo. Embora sejam nós da rede, podem não se repetir em outro momento. De qualquer forma, operacionalmente, é mais fácil mensurar esses pontos fixos do que todo o trajeto percorrido pelo migrante.

A natureza do processo de difusão de informação e recrutamento de migrante está ancorada em relações sociais de tamanha intensidade que faz com que os locais de origem e destino dos migrantes apresentem elevada concentração espacial, formando agrupamentos (clusters) espaciais de migração.

No caso das regiões de destino, outros fatores somam-se aos que atuam na origem para a concentração espacial das localidades. Um dos papéis exercidos pelas redes migratórias é o favorecimento da inserção do migrante nos locais para onde ele se dirige. Viver perto de conhecidos favorece a adaptação dos migrantes, fornecendo um espaço de segurança que ameniza o estresse causado pela migração. A rede fornece, assim, um referencial identitário para o migrante. Dada a necessidade de suporte e os agenciamentos envolvidos no processo de adaptação, há uma intensificação do uso da rede no período subsequente à migração. Como destacam Marandola Jr. e Dall Galo (2007), um grupo de migrantes pensa, organiza e vive seu território de maneira semelhante no local destino. Eles reproduzem seus lugares de origem nas regiões de destino. Nesse sentido, as redes de migrantes tornam-se, novamente, redes de lugares.

Exercícios empíricos: clusters de emigração internacional no Brasil

A presente seção apresenta dois exercícios que demonstram, com base em testes empíricos, a pertinência dos argumentos descritos até aqui. O primeiro é um artigo publicado por Campos e Macedo (2014) na Revista Geografia. O segundo é uma tentativa de aprofundar a análise anterior, com base nos conceitos desenvolvidos no presente trabalho.

Campos e Macedo (2014) identificaram as principais regiões de origem dos migrantes internacionais no território brasileiro, por meio do mapeamento de agrupamentos espaciais de emigração internacional. Fez-se isso utilizando um modelo de análise estatística espacial (Índice de Moran²), com base nas informações do Censo Demográfico 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

Os resultados encontrados mostraram uma elevada concentração dos municípios de origem dos migrantes no território, que foram agrupados em nove *clusters* de emigração internacional. Também foi verificada uma alta concentração de países de destino dos migrantes.

² O Índice de Moran é empregado para identificar se uma amostra ou população possui autocorrelação espacial em relação a uma variável. Para maiores informações, ver Anselin (2005).

Os níveis de concentração foram estimados por Campo e Macedo (2014), a partir dos resultados do Índice Global de Moran, pelo método LISA. A Figura 1 representa os clusters espaciais de emigração do Brasil estimados pelos autores.

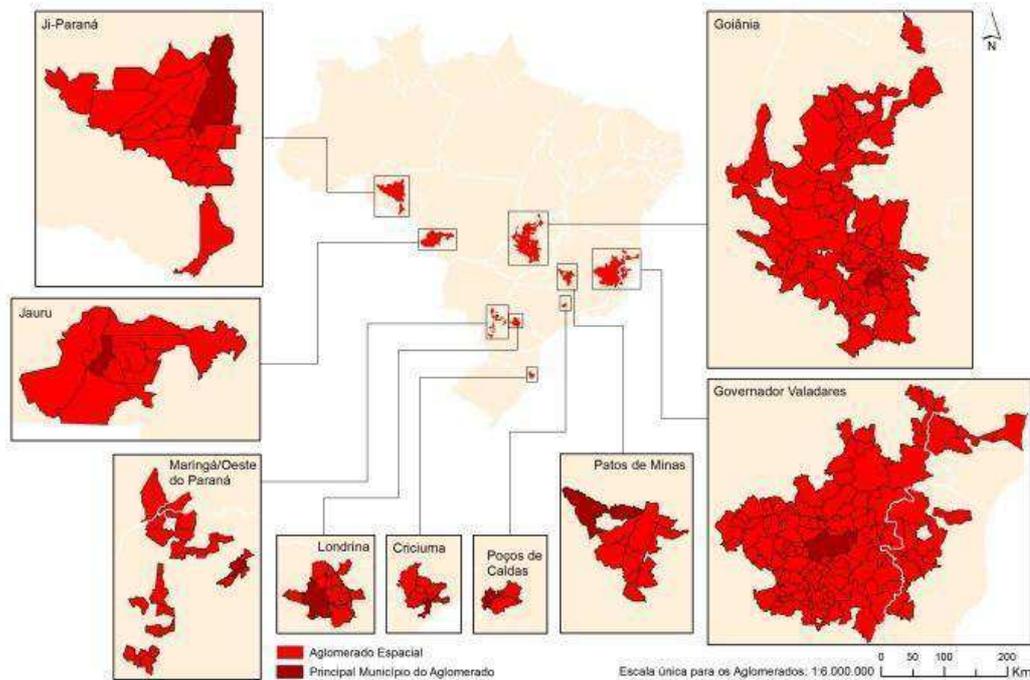


Figura 1. Regiões de migração: agrupamentos de municípios com percentuais de emigrantes internacionais elevados - Brasil 2010.

Fonte: CAMPOS e MACEDO, 2014, pág. 267.

Nesse estudo, a existência de uma rede migratória é comprovada pelo fato de haver um fluxo de pessoas entre esses municípios e alguns países estrangeiros. Como há informações disponíveis nas bases de dados utilizadas pelos autores sobre algumas características dos migrantes, seria possível aprofundar as análises caracterizando as redes migratórias.

Embora os autores não tenham utilizado os mesmos instrumentos para medir a concentração dos migrantes no destino, podemos ter uma ideia dessa concentração, ainda que de maneira relativamente superficial, com base nos dados de eleitores brasileiros que votam no exterior. Mais de 350 mil eleitores residentes em países estrangeiros votaram nas eleições presidenciais de 2014 do Brasil. Analisando as localidades onde votaram, pode-se perceber que houve uma elevada concentração dos eleitores em poucas cidades. Por exemplo: nos Estados Unidos, onde havia 112 mil eleitores, mais da metade votou em apenas três cidades. O mesmo aconteceu em Portugal e no Japão, em que a mesma marca foi atingida em apenas duas cidades (TRE, 2014).

Pode-se tentar avançar nas análises realizadas por Campos e Macedo, investigando mais atributos do processo de difusão de comportamento migratório nos clusters de emigração internacional encontrados pelos autores.

Foi feita uma análise do tempo médio de saída do Brasil dos municípios pertencentes ao agrupamento de emigração situado no entorno do Município de

Governador Valadares/MG. As evidências indicam que houve uma expansão do comportamento migratório de tipo concêntrico, dado que o tempo médio de saída do país dos residentes nos municípios localizados no centro do agrupamento é relativamente maior do que o dos residentes nos municípios mais distantes. Isso pode estar indicando que o comportamento migratório dos indivíduos residentes no centro do agrupamento influenciou o comportamento daqueles residentes em seu entorno imediato, havendo uma expansão da rede de migração na região. Com o passar do tempo, outras camadas mais distantes do entorno sentiram o mesmo efeito, “alargando” cada vez mais o agrupamento de emigração.

O exercício foi realizado separando-se os municípios em categorias, denominadas “Entornos”, conforme afastavam-se do centro do agrupamento, onde estava Governador Valadares/MG. Desse modo, foram criadas quatro categorias de distância denominadas “Entornos N”, cujo valor de N variou de 1 a 4 à medida que o município se afasta do centro do agrupamento, sendo 1 o valor mais próximo do centro e 4 o valor relativo aos municípios mais distantes (Figura 2).

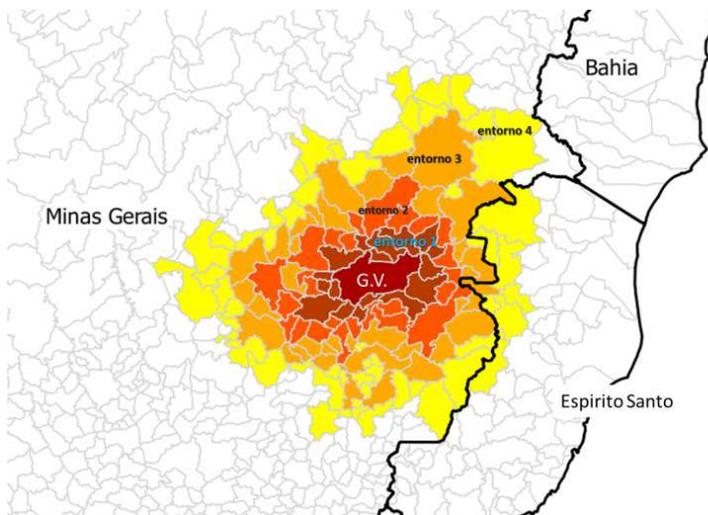


Figura 2. Agrupamento de emigração de Governador Valadares, Minas Gerais, segundo municípios que compõem diferentes camadas de entorno – 2010.

Fonte: IBGE, 2010. Elaboração própria.

O Gráfico 1 apresenta o percentual de migrantes residentes em cada uma das categorias de entorno criadas, segundo o tempo médio de saída do Brasil. Vê-se, claramente, que quanto mais próximo do centro do agrupamento (Governador Valadares/MG e municípios limítrofes), maior o percentual de indivíduos que deixaram o país há mais de dez anos. Por outro lado, os municípios mais distantes, pertencentes aos entornos 3 e 4, possuem percentuais significativamente mais elevados de migrantes que deixaram o País há menos tempo.

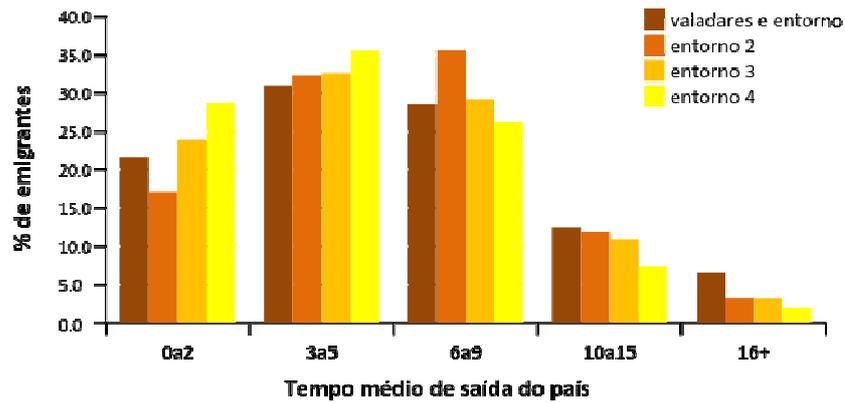


Gráfico 1. Percentual de migrantes segundo o tempo médio de saída do Brasil, por nível do entorno de Governador Valadares, Minas Gerais – 2010.

Fonte: IBGE, 2010. Elaboração própria.

É preciso acentuar aqui que essa perspectiva de análise implica em uma forma de abstração que não necessariamente condiz com a totalidade dos processos espaço-temporais vividos. Não se quer dizer que a migração surgiu apenas em Governador Valadares/MG e, posteriormente, foi adotada em todos os municípios do entorno 1 para, só mais tarde, ser adotada no entorno 2, e assim por diante. A partir do Gráfico 1, vê-se que existem indivíduos em todas as categorias de tempo para todas as camadas de entorno criadas. O que se quis demonstrar é que a lógica de um processo de difusão espacial da emigração, em que a proximidade seria uma engrenagem primordial, apresentou coerência quando aplicada ao cluster de emigração internacional do entorno do município de Governador Valadares/MG em 2010.

Contudo, sabe-se que o fenômeno apresenta um grau de complexidade que extrapola esse modelo, embora não invalide sua utilização como ferramenta de análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS ENGRENAGENS DAS REDES MIGRATÓRIAS

O objetivo deste trabalho foi discutir, conceitualmente, os mecanismos de funcionamento das redes migratórias e os modos pelos quais se dá sua espacialização. A Figura 3 apresenta, em termos sintéticos, os mecanismos estruturantes das redes migratórias que foram apresentados.



Figura 3. Mecanismos estruturantes das redes migratórias.

Fonte: elaboração própria.

Por basearem-se em contatos pessoais e no acesso ao capital social disponível para os indivíduos, as redes configuram-se por proximidade. A circulação de informações e o recrutamento de indivíduos pertencentes à rede migratória moldam os contornos dessas redes, devido à natureza interna de seus processos de difusão. A natureza multidimensional das redes de migração inclui processos socioculturais e espaciais. No primeiro, aparecem redes de pessoas, famílias ou organizações, enquanto, no segundo grupo, incluem-se redes de domicílios, cidades ou países. Todas essas redes articulam-se em escalas diferenciadas atuando como agentes da produção do espaço.

Essa constatação justifica a possibilidade de se utilizarem recortes espaciais específicos para o estudo das migrações, como as regiões de migração. Essas regiões, como uma estratégia analítica específica, seriam a base para a compreensão sistematizada dos espaços migratórios. Pela ótica temporal, essas regiões devem ser consideradas como um "momento espacial" ou como uma marca histórica de processos socioespaciais. Ao mesmo tempo resultado de eventos passados, essas regiões transformam-se em condicionantes (atores) dos processos futuros que se desenrolarão naquele território, sejam eles ligados ou não à migração internacional.

Apesar do alerta para o caráter metafórico de rede para o estudo das migrações, a confirmação de uma materialidade dos elementos utilizados para a interpretação da realidade mostra que, por possuir uma base objetiva, a estrutura reticular fundamenta o desenvolvimento de conceitos para a explicação dos processos migratórios, mesmo antes de terem sido submetidos a algum tipo de teste empírico. Os exercícios apresentados ajudam a entender por que a organização reticular dos lugares de emigração não é apenas uma constatação verificada por uma metodologia científica, mas um processo que pode ser percebido mesmo em um nível "pré-científico", pelo senso comum. Apesar dos acadêmicos serem acusados de prisão à metáfora e distância da substância (SOARES, 2002), a percepção social dos aglomerados de emigração, quando os indivíduos percebem que os migrantes partem de poucos municípios e dirigem-se para um número limitado de destinos, e que as migrações são estruturadas por contatos e proximidade entre os migrantes, condiciona a concepção de uma noção de rede de migração. Nesse sentido, o processo de apreensão do fato pela sociedade estaria condicionando a formação da mentalidade científica, indo também da "substância à metáfora".

O presente artigo buscou ultrapassar o campo de simples conjectura de existência da rede social, apresentar indícios de sua existência. Além disso, tratou de expor os mecanismos que fazem com que as redes sociais de migrantes adquiram um caráter espacial, buscando elaborar uma estrutura conceitual precisa para a compreensão de um aspecto importante da realidade demográfica contemporânea.

REFERÊNCIAS

ANSELIN, L. *Exploring Spatial Data with GeoDa™: A Workbook*. University of Illinois: Urbana, 2005.

BOURDIEU, P. *The forms of capital*. In: Richardson, J. (Ed.) *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*. Greenwood: New York, 1986. p. 241-258

CAMPOS, M. B.; MACEDO, D. R. *Agrupamentos de emigração internacional no Brasil: o papel das redes sociais na formação dos espaços de emigração*. GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 39, n. 2, p. 257-272, mai./ago. 2014.

COHEN, Y. *Diffusion of an Innovation in an Urban System: The Spread of Planned Regional Shopping Centers in the United States, 1949-1968*. University of Chicago Press: Chicago, 1972.

COLEMAN, J. *Social Capital in the Creation of Human Capital*. *The American Journal of Sociology*, Vol. 94, Supplement: Organizations and Institutions: Sociological and Economic Approaches to the Analysis of Social Structure, 1988.

DIESTEL, R. *Graph Theory*. Heidelberg, New York: Springer-Verlag, 2005.

FAZITO, D. A *Análise de Redes Sociais (ARS) e a Migração: mito e realidade*; Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Ouro Preto, 2002.

GRANDE-GARCIA, I. *Neurociencia social: El maridaje entre la psicología social y las neurociencias cognitivas*. Revisión e introducción a un nueva disciplina. *Anales de psicología*, vol. 25, nº 1, 2009.

GRANOVETTER, M. *The Strength of Weak Ties*. *American Journal of Sociology*, 78: 1360-80. 1973.

HAGERSTRAND, T. *Innovation Diffusion as a Spatial Process*. University of Chicago Press: Chicago, 1967.

HUDSON, J. C. *Geographical Diffusion Theory*. Northwestern University Press: Evanston, 1972.

IBGE. *Censo Demográfico 2010. Resultados do Universo*. IBGE: Rio de Janeiro, 2010.

KNOKE, D. *The Spread of Municipal Reform: Temporal, Spatial, and Social Dynamics*. *American Journal of Sociology*, Vol. 87, No. 6, 1982.

LEE, E. S. *A Theory of Migration*. *Demography*, Seattle, v. 3, n. 1, p. 47-57, Jan. 1966.

LIN, N. ENSEL, W. M. VAUGH, J.C. *Social Resources and Strength of Ties: Structural Factors in Occupational Status Attainment*. *American Sociological Review*, Vol. 46, No. 4, 1981

CASTRO, I.E.; GOMES, P.C.C.; CORREA, R.L. (Orgs.). *Geografia: Conceitos e Temas*. 2ª. Edição. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2000.

COURGÉAU, D. *Méthodes de Mesure de la mobilité spatiale: migrations internes, mobilité temporaire, navettes*. Éditions de L'Institut National d'Études Démographiques: Paris, 1988.

MANNHEIM, K. *El problema de las generaciones*. [Tradução: Ignacio Sánchez de la Yncera], Revista Española de Investigaciones Sociológicas, n. 62. 1993.

MARANDOLA JR., E. ; DAL GALLO, P. *Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração*. R. bras. Est. Pop., Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez. 2010.

MATOS, R.E. (org). *Espacialidades em rede: população, urbanização e migração no Brasil Contemporâneo*. Capítulo 1. Belo Horizonte: C/Arte, 2005.

MORGAN, K. *The exaggerated death of geography: learning, proximity and territorial innovation systems*. Journal of Economic Geography. 4: 3-21, 2004.

PORTES, A. *Social Capital: Its origins and applications in moderns sociology*. Annu. Rev. Sociol. 24: 1-24. 1998.

ROGERS, E. *Diffusion of Innovations*. 3rd Edition. New York/London: The Free Press, 1983.

SASSEN S. *Immigration and local labor markets*. In: PORTES, A., ed. The Economic Sociology of Immigration. New York: Russell-Sage, 1995.

SOARES, W. *Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 2002.

SOJA, E. W. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1993.

TAYLOR, J. E. *Differential migration, networks, information and risks*. In: STARK, O. Migration, human capital and development. Greenwich: Connecticut, Jai Press, 1986.

TOBLER, W.R. *Computer Movie Simulating Urban Growth in the Detroit Region*. Economic Geography, Vol. 46, Supplement: Proceedings. International Geographical Union. Commission on Quantitative Methods, 1970.

TRE – Tribunal Regional Eleitoral – Distrito Federal. *Notícias: Mais de 350 mil eleitores brasileiros no exterior*. Disponível em: <<http://www.tre-df.jus.br/noticias-tre-df/2014/Julho/mais-de-350-mil-eleitores-brasileiros-no-exterior>>. Acesso em out. 2014.

Submetido em 06/02/2015.

Aprovado em 14/10/2015.

Sobre o autor

Marden Barbosa de Campos

Doutor em Demografia, analista socioeconômico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Endereço: Avenida República do Chile, 500/8º andar, Centro. 20031-170 – Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Email: Marden.campos@ibge.gov.br